



## **EPISTEMOLOGIA FEMINISTA**

Repensando a ciência a partir das margens

## **FEMINIST EPISTEMOLOGY**

Rethinking sciences from the marges

## **EPISTEMOLOGÍA FEMINISTA**

Repensando la ciencia desde los márgenes


## **ÉPISTÉMOLOGIE FÉMINISTE**

Repenser la science a partir des marges

### **Letícia Silva Lima**

Bacharel em Engenharia Civil, Universidade Estadual do Maranhão; Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, Brasil.


[lima.leticia@hotmail.com](mailto:lima.leticia@hotmail.com)

 ORCID 0000-0002-8864-1923

### **Dryelle Souza Arouche**

Licenciatura em Educação Física, Universidade Federal do Maranhão; Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, Brasil.


[dryellearouche@hotmail.com](mailto:dryellearouche@hotmail.com)

 ORCID 0000-0002-3837-1486

### **Iran de Maria Leitão Nunes**

Doutora em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, Brasil.

[iran.nunes@ufma.br](mailto:iran.nunes@ufma.br)

 ORCID 0000-0002-4309-0742

*Recebido em: 20/02/2022*

*Aceito para publicação: 01/09/2022*

### **Resumo**

Este artigo tem como objetivo analisar outra referência científica que tornou visível aquelas que outrora se encontravam nas margens na produção do conhecimento - as mulheres, fazendo considerações sobre a ciência tradicionalmente válida e a criação da epistemologia feminista e suas perspectivas (teoria feminista do ponto de vista, teoria feminista empiricista, o pós-modernismo feminista. Tradicionalmente a ciência é um campo legitimado a partir de vozes masculinas, tendo sido reafirmada por discursos de objetividade, neutralidade e imparcialidade científicas. A partir das críticas, a epistemologia feminista é concebida para mudar o curso da história, validando o conhecimento e a produção “para” e “por”

mulheres. A pesquisa teve como suporte alguns autores/as como Joan Scott (1995), Chalmers (1993), Longino (2012), Anderson (2015) e Gebara (2008)

**Palavras-chave:** Ciência, Conhecimento, Epistemologia Feminista, Mulheres.

#### Abstract

This subject aimed to analyze another scientific reference that made visible those who were once on the margins in the production of knowledge - women, making considerations about the science usually validated and the Feminist Epistemology and its perspectives. Traditionally, science is a field legitimated by masculine voices, having been reaffirmed by scientific objectivity speeches, neutrality and impartiality. From reviews, the feminist epistemology is known by changing the course of history, validating the knowledge and the production “for” and “by” woman. The research was based by authors like Joan Scott (1995), Chalmers (1993), Longino (2012), Anderson (2015) and Gebara (2008)

**Keywords:** Sciences, Knowledge, Feminist Epistemology, Women.

#### Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar sobre otro referente científico para visibilizar a quienes estuvieron y están en los márgenes, haciendo consideraciones sobre la ciencia tradicionalmente válida y la Epistemología Feminista y sus perspectivas. Tradicionalmente la ciencia es un campo legitimado desde las voces masculinas, habiendo sido reafirmado por los discursos de objetividad, neutralidad e imparcialidad científica, desde la crítica, la epistemología feminista es concebida para cambiar el curso de la historia, validando el conocimiento y la producción “para” y “por” las mujeres. La investigación fue apoyada por algunos autores como Joan Scott (1995), Chalmers (1993), Longino (2012), Anderson (2015) y Gebara (2008).

**Palabras clave:** Ciencia, Conocimiento, Epistemología Feminista, Mujeres

#### Resumé

Cet article vise à analyser une autre référence scientifique qui a rendu visible ceux qui étaient autrefois en marge dans la production des connaissances - femmes, faisant des réflexions sur la science traditionnellement valable et la création de l'épistémologie féministe et ses perspectives (théorie du point de vue féministe, théorie féministe empiriste, postmodernisme féministe. Traditionnellement, la science est un domaine légitimé par les voix des femmes, ayant été réaffirmé par des discours de objectivité, neutralité et impartialité scientifique Sur la base des critiques, l'épistémologie féministe est conçue pour changer le cours de l'histoire, en validant la connaissance et la production "pour" et "par" les femmes La recherche a été soutenue par des auteurs tels que Joan Scott (1995), Chalmers (1993), Longino (2012), Anderson (2015) et Gebara (2008)

**Mots clés:** Science, Connaissances, Épistémologie Féministe, Femme

#### Introdução

Iniciamos essa reflexão nos reconhecendo enquanto sujeitas “costuradas” por diversas narrativas no mundo: como mulheres pesquisadoras brasileiras. Nosso intuito não é determinar uma leitura fixa sobre nossa essência, mas sim, tornar relevante que nossa localização enquanto corpos sociopolíticos amplia o entendimento da relação existente entre ciência e gênero.

Quanto a “ser mulher”, mesmo sendo delicado qualquer definição nessa perspectiva social, nos aproximamos da ideia de “uma categoria heterogênea, construída historicamente por discursos e práticas variados...” (COSTA, 1998, p.138); sendo um “corpo inventado” tal como entende Teresa de Lauretis<sup>1</sup>: “mais um projeto político do que uma descrição da realidade”.

Como pesquisadoras brasileiras, nossos “corpos de terceiro mundo”, localizados nas margens do poder político central mundial, nos permite refletir sobre nossa emancipação, existência e narrativas enquanto mulheres latino-americanas, que produzem saber e conhecimento científico, sendo “nós” as porta-vozes da nossa história.

A multiplicidade de ser comunicada também que nossas localizações interferem, de maneira indireta ou não, na maneira como lemos e interpretamos o mundo. Nosso entendimento é que nenhuma ciência é alheia, fria ou desinteressada das nossas narrativas, ideais, valores e significados – estes que estão inscritos na nossa identidade.

Em contrapartida, a ciência canônica ou tradicional não corrobora com esse pensamento, tendo sido construída com o suporte da objetividade e neutralidade, que garantem a imparcialidade científica e a validação de todo o conhecimento produzido. A epistemologia se soma à ciência sendo um fator importante para esse mecanismo de produção, pois garante e legitima o que pode ser considerado ciência.

Construída quase que exclusivamente sob base androcêntrica, a ciência secularmente apagou os saberes femininos, silenciando o conhecimento de mulheres na produção do conhecimento, sendo preciso um outro paradigma para mudar o curso da história científica.

Por isso, a epistemologia feminista emergiu para “tornar público” os saberes e a autoridade epistêmica das mulheres, possibilitando realinhar a ciência a partir do conhecimento situado no ponto de vista feminino, pois cada um lê e interpreta o mundo onde os pés pisam, e com as mulheres não seria diferente.

Em outras palavras, a epistemologia feminista confronta a epistemologia tradicional por proporcionar um conhecimento científico através do olhar feminino, realocando as mulheres para o centro na produção do saber, afim de valorizar suas pesquisas e conhecimentos.

Em vista disso, este artigo tem como objetivo evidenciar outra referência científica que tornou visível aquelas que outrora se encontravam nas margens na produção do conhecimento - as mulheres, fazendo considerações sobre a ciência tradicionalmente válida e a criação da epistemologia feminista e suas perspectivas (teoria feminista do ponto de vista, feminismo empiricista e o pós-modernismo feminista).

Portanto, pretende-se abordar na primeira parte a construção de gênero tendo como base fundante Scott (1995); em seguida, apresentamos a epistemologia tradicional e o que seria o conhecimento válido na perspectiva de Chalmers (1993) – bem como algumas críticas feitas à essa ciência -, em subsequente, apresenta-se a epistemologia feminista e sua importância para o sufrágio e avanço feminino nos espaços sociais com Anderson (2015), Longino (2012) e Gebara (2008), acrescentando também as vertentes epistemológicas – epistemologia feminista do ponto de vista, feminismo empiricista e o pós-modernismo feminista -, bem como suas respectivas contribuições.

---

<sup>1</sup> LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

---

## A mulher e a ciência

A participação feminina em cursos regulares nas universidades, simpósios, locais de trabalhos, publicações científicas e especializações parecem confirmar que a realidade excludente para a mulher nos espaços públicos foi ultrapassada.

O percurso para o sufrágio feminino foi irreversível no curso histórico. “As mulheres do ontem” eram vistas como irracionais, inúteis, incompletas ou seres incapazes de serem formalmente educadas, não tendo sequer o direito de terem seus saberes reconhecidos pela sociedade.

Atualmente, as mulheres deixaram os afazeres do lar e o espaço doméstico, ocupando os campos externos, públicos como as universidades, as escolas, os cargos de poder, as lideranças nas pesquisas científicas e sendo finalmente legitimadas enquanto seres detentores de capacidades, virtudes e saberes.

Nesse sentido, para entender o processo de submissão e exclusão femininas nos campos científicos, é imprescindível refletir a respeito da construção social do gênero na sociedade e como isso se refletiu para o represamento da natureza feminina em estereótipos fixos sobre “ser mulher”.

Gênero é um conceito que “foi importado” do campo linguístico da literatura inglesa (KERGOUT, 1992) e “incorporado” nas Ciências Sociais em meados da década de 80 (KÜCHEMANN; BANDEIRA, L. M.; ALMEIDA, T. M. C, 2015), sendo este conceito uma “categoria de análise<sup>2</sup> que agrega em uma única palavra um conjunto de fenômenos sociais, históricos, políticos econômicos e psicológicos (KÜCHEMANN, B. A.; BANDEIRA, L. M.; ALMEIDA, T. M. C, 2015).”

As autoras acrescentam que o gênero pode se constituir enquanto instrumento capaz de analisar os processos que reafirmam valores de diferenciação entre o masculino e o feminino, gerando hierarquias (KÜCHEMANN; BANDEIRA, L. M.; ALMEIDA, T. M. C, 2015).

Essa escala da diferença pode ser visualizada no artigo de Joan Scott (2005), *O enigma da desigualdade*, no qual a autora analisa gênero, raça e classe e como as diferenças estruturadas sistematicamente atingiram os grupos definidos como marginalizados na sociedade.

Para Scott (2005), quando ela se refere as diferenças, ela não faz referência a “diferenças de nascimento, de posição, de status social entre homens, mas sim, as diferenças de riqueza, cor e gênero sim (SCOTT, 2005, p.17)”; ou seja, a tríade da diferença - classe, raça e gênero -, concebia a esses indivíduos a marca de não cidadãos.

Os homens eram indivíduos porque eram capazes de transcender o sexo; as mulheres não poderiam deixar de ser mulheres e, assim, nunca poderiam alcançar o status de indivíduo. Não tendo semelhança com os homens, elas não poderiam ser consideradas iguais a eles e assim não poderiam ser cidadãs. É interessante notar aqui (e isso é importante para o que eu irei discutir mais tarde) que nesses argumentos a igualdade pertence a indivíduos e a exclusão a grupos; era pelo fato de pertencer a

---

<sup>2</sup> Gênero, nas Ciências Sociais, é compreendida como uma categoria de análise, não de senso comum, visto que não existe uma definição unívoca sobre o fenômeno que se analisa (KÜCHEMANN, B. A.; BANDEIRA, L. M.; ALMEIDA, T. M. C, 2015)

---

uma categoria de pessoas com características específicas que as mulheres não eram consideradas iguais aos homens (SCOTT, 2005, p. 17)

Em vista da construção social em torno do gênero, a forma como homens e mulheres se comportam em sociedade foi condicionada por meio do intenso aprendizado sociocultural que os ensina a agir conforme as prescrições e as normas sociais e de gênero que foram/são estabelecidas como determinantes e hegemônicas (KÜCHEMANN, B. A.; BANDEIRA, L. M.; ALMEIDA, T. M. C, 2015).

Há uma expectativa social em relação às maneiras como os homens e as mulheres devem atuar nos espaços privados e públicos, em outras palavras, os lugares, profissões, a maneira de viver e se relacionar, vestir, mostrar o corpo, no exercício dos cuidados, no gasto e na administração do dinheiro, no lazer, no modo de ingerir bebidas, dentre outras., foram estabelecidas a partir desse marcador de gênero que opera para dar suporte a uma lógica patriarcal.

Nesse sentido, as diferenças foram construídas para cercar direitos civis, excluir a cidadania de minorias<sup>3</sup> e estabelecer a desigualdade entre os grupos, alocando mulheres para um lugar social de submissão, maternidade e afazeres domésticos.

Dessa forma, os espaços foram construídos e definidos pela lei da desigualdade, possibilitando aos homens, por exemplo, a vantagem de ocupar espaços públicos e de poder de maneira mais rápida, ao passo que as mulheres estavam sempre predestinadas à habitarem espaços inferiores, privados, apenas posteriormente conquistaram esse feito.

O reflexo da desigualdade socialmente e culturalmente construída entre os gêneros pode ser vista e percebida na maneira como a ciência e os métodos científicos foram organizados no curso histórico, assegurando para as mulheres um segundo plano quanto aos seus conhecimentos, emoções, opiniões e construções epistêmicas.

Talvez por isso, ainda hoje, é possível testemunhar constantemente mulheres tendo que reafirmarem seus saberes, seus lugares de fala e atuações nos espaços públicos enquanto pesquisadoras, profissionais e acadêmicas.

## **Epistemologia**

A epistemologia é uma área da filosofia que busca meios de validar a investigação científica e o conhecimento produzido, tendo como direção uma pergunta central chave: “O que é (e pode ser considerado) conhecimento? (GRAYLING, 1996) ”.

Para início, o primeiro passo é encontrar uma definição que revela o que se pensava e afirmava ser conhecimento válido e como ele pode ter interferido na exclusão dos outros grupos e saberes.

Chalmers (1993) em seu livro “O que é a ciência afinal? ”, reitera o que se pensava sobre ele: “Conhecimento científico é conhecimento comprovado” (CHALMERS, 1993, p.18), destaca o

---

<sup>3</sup> De acordo com ROSE (1972), como tudo que é social, os grupos minoritários precisam ser socialmente definidos como grupos minoritários, o que compreende um conjunto de atitudes e comportamentos. (E não é necessariamente uma questão de representação numérica na população [...]).



autor na intenção de afirmar que era esse o postulado que se torna popular durante e posteriormente a Revolução Científica, que ocorreu em aproximadamente no século XVII (CHARLMERS, 1993).

Tal afirmação é a síntese do que se acreditava e defendia nos tempos antigos, de que o conhecimento era validado de maneira objetiva, como algo que só se podia aferir diretamente da natureza através da observação cuidadosa (ver, sentir, tocar), afastando qualquer teoria baseada no senso comum, preferências, opiniões especulativas e nas subjetividades, pois estes não eram caminhos seguros (válidos) no campo científico (CHARLMERS, 1993); em outras palavras, “o conhecimento científico é conhecimento confiável porque é conhecimento provado objetivamente (CHALMERS, 1993, p.18)”.

Essa maneira de entender - e fazer - conhecimento forjou os métodos científicos e a ciência moderna para uma só direção, que diante da ausência feminina na formulação do saber, foi ocupada e *construída* por mentalidades masculinas como Descartes, que tiveram a preocupação de traçar um caminho seguro científico no seu tempo.

Sendo considerado o maior representante da epistemologia moderna, o filósofo Descartes buscava um fundamento que possibilitasse um caminho seguro para o conhecimento (MARCONDES, 2007). Assim, ele utiliza a dúvida metódica com o objetivo de se desfazer de qualquer crença ou conhecimento duvidoso para edificar o caminho do conhecimento verdadeiro.

Em outras palavras, Descartes coloca em dúvida todas as coisas e as reconstrói a partir de certezas incontestáveis (KETZER, 2017), dentro do que ele reconhecia ser o caminho mais “puro” para alcançar o conhecimento.

A partir desses pensamentos construídos - em maioria pelas mentes masculinas - que algumas críticas emergem ao método científico hegemônico, tendo alguns pensadores como Grosfoguel (2008) e Feyerabend (2011). Para Feyerabend (2011) a ciência precisa ser questionada, bem com seus métodos e suas aplicações, pois:

[...] a unanimidade pode indicar uma redução de consciência crítica: a crítica permanece fraca enquanto apenas uma opinião está sendo considerada. Esta é a razão pela qual uma unanimidade que depende apenas de considerações ‘internas’ acaba sendo errônea (FEYERABEND, 2011, p. 110)

Grosfoguel (2008), filósofo porto-riquenho, defende que o conhecimento fabricado pela ciência moderna (ou ocidental) alimenta o mito de universalidade e imparcialidade da produção científica e se consolidava por meio da desqualificação de outros saberes situados.

Na filosofia e nas ciências ocidentais, aquele que fala está sempre escondido, oculto, apagado da análise. A ‘egopolítica do conhecimento’ da filosofia ocidental sempre privilegiou o mito de um ‘Ego’ não situado. O lugar epistêmico étnico racial/sexual/de gênero e o sujeito enunciator encontram-se, sempre, desvinculados. Ao quebrar a ligação entre o sujeito da enunciação e o lugar epistêmico étnico racial/sexual/de gênero, a filosofia e as ciências ocidentais conseguem gerar um mito sobre um conhecimento universal Verdadeiro que encobre, isto é, que oculta não só aquele que fala como também o lugar epistêmico geopolítico e corpo-político das estruturas de poder/conhecimento colonial, a partir do qual o sujeito se pronuncia (GROSGOQUEL, 2008, p. 46)

A crítica também se estendia para algumas pensadoras feministas - como María Mies (1998) e Sondra Farganis (1997) – que questionavam a ciência tradicional e reforçavam a necessidade de um novo paradigma científico, que incluía, por exemplo, o conhecimento situado de outros grupos outrora subjugados – como o das mulheres.

Sondra Farganis (1997) reitera a necessidade de se ter uma outra ciência comprometida com o feminismo e que se coloca em oposição a neutralidade e relativismo afirmados pela ciência contemporânea.

A ciência feminista, em seu comprometimento com o feminismo, está imbuída de uma dimensão moral; dessa maneira, opõe-se ao relativismo e à neutralidade ética usados para nortear tanto a filosofia como a ciência contemporânea (Hare, 1952; Stevenson, 1960; Winch, 1958; Rorty, 1980; MacIntyre, 1982; Bernstein, 1983). Além disso, o feminismo como movimento político deve tentar criar as condições que permitam harmonizar inteligente e razoavelmente valores sólidos. Deve-se reconhecer que é justamente a partir do que viveram – de seu status marginal, de sua condição de proscritas, de suas experiências de cuidado e envolvimento – que as mulheres podem oferecer uma posição epistemologicamente mais válida e política e moralmente melhor. (Sondra Farganis, 1997, p. 235)

Já María Mies (1998, p. 94) defende outras vias (e também válidas) de se obter o conhecimento:

Em contraste com o que postula o paradigma dominante, existem diversas formas de conhecimento que podem aplicar-se com êxito em um trabalho de campo. Não existe uma só maneira (denominada científica) para ascender o conhecimento, as formas que nós descobrimos inclui o conhecimento prático, cotidiano, o conhecimento político e as 'habilidades' políticas, é auto reconhecimento [...]

Pelas defesas supracitadas, é possível perceber que muitos pensadores entendem a ciência com uma roupagem imbricada de objetividade, racionalidade e universalidade, o que traduz em uma visão de mundo das pessoas que criaram e estavam presentes nessa ciência: os homens, maioria brancos, ocidentais, membros das classes dominantes.

Por isso, evidenciasse neste artigo a ciência que tem como suporte a preocupação com o saber feminino, capaz de reorganizar os espaços em equidade de gênero, rompendo com a discriminação e sub-representação das mulheres na ciência - sobretudo, contribuindo para a inserção das mulheres no mundo da ciência -, além de proporcionar mudanças visíveis nas estruturas e campos de poder, ampliando as formas de pensar e produzir o conhecimento científico.

## **Epistemologia Feminista**

A Epistemologia Feminista surge como um campo de pesquisa da Epistemologia Social<sup>4</sup> que se preocupa com o papel de gênero nas mais variadas atividades epistêmicas (KETZER, 2015), contribuindo para a compreensão de como foram construídas as práticas de conhecimento reconhecidas dominantes.

De acordo com Anderson (2015), a epistemologia feminista é um instrumento que possibilita estudar as maneiras que o gênero pode e deve influenciar nossas concepções de conhecimento, o sujeito *cognoscente*, as práticas de investigação e justificação.

Além disso, esse novo referencial científico busca investigar as formas de concepções e práticas do conhecimento dominante que prejudicou sistematicamente mulheres e outros grupos subordinados no curso histórico, negando suas autoridades e saberes epistêmicos, subjungando seus cognitivos e suas formas de pensar e fazer ciência (ANDERSON, 2015).

Em outras palavras, a autora enfatiza que a Epistemologia Feminista mostra as inúmeras desvantagens da maneira como a ciência foi construída, tornando relevante à própria epistemologia outras concepções de saber e da construção destes a partir da inserção das mulheres nas ciências, no qual as possibilidades de investigação se ampliam por meio das percepções e interpretações delas.

Sendo assim, é possível perceber que não há neutralidade no conhecimento produzidos pelos pensadores, mas sim um comportamento guiado pela influência social em que se está presente as discriminações de gênero, de classe, de raça, entre outras (ANDERSON, 2015).

As intersecções entre os gêneros e outras categorias sociais, como raça, etnia, classe, sexualidade, capacidades e localização global, devem ser consideradas para assim avaliar a posição social do sujeito, uma vez que, o preconceito de gênero está infiltrado em diversas áreas do conhecimento humano, indo das ciências humanas e sociais até às ciências da vida, sendo expressados principalmente em “determinadas afirmações e facilitado (s) pelos princípios disciplinares básicos. A experiência das mulheres torna-se invisível ou distorcida, assim como as relações de gênero (LONGINO, 2012, p. 506) ”.

Desta forma, a Epistemologia Feminista foca sua preocupação em investigar o papel do gênero nas diversas atividades epistêmicas, propondo-se a alterar as práticas de conhecimento, reivindicando mudanças sociais na produção do conhecimento, afim de corrigir desigualdades sociais (GRASSWICK, 2018).

Isto posto, é evidente que este paradigma feminista se coloca em oposição ao sistema androcêntrico inscrito na ciência por anos, levantando questões relacionadas aos preconceitos de gênero no interior da produção acadêmica nas diversas áreas do conhecimento, produzindo críticas ao modo dominante de produção científica (KETZER, 2017; RAGO, 1998).

Por isso, o estudo epistemológico feminista é tão necessário, e pode ser percebido a partir do comentário de Rorhlich-Leavitt et al apud Marilyn Strathern (2014, p. 83):

Como mulheres numa sociedade que também é sexista, Kaberry e Goodale têm a sensibilidade especial que os membros dos grupos subordinados devem desenvolver, se quiserem sobreviver, para com aqueles que os controlam, ao mesmo tempo

---

<sup>4</sup> Para Barbosa (2020, p.2), “A epistemologia social (...) se caracteriza pela incorporação da interação de indivíduos com o próprio ambiente e com outros indivíduos, e como essa dinâmica se reflete no conhecimento”



---

que estão plenamente conscientes da realidade cotidiana de sua opressão, uma qualidade que falta aos grupos de posição superior.

Ou seja, a posição de subalternidade que as mulheres ocupam no espaço científico, lhes dá a possibilidade de um olhar diferenciado em como a ciência é feita, observando questões que a enriquecem, uma vez que são capazes de oferecer um modo de pensar e perceber o mundo de forma distinta dos homens (STRATHERN, 2014).

Ainda que não tenha sido de forma ampla como era desejada, Evelyn Fox Keller (2006), crê que houve mudança relacionada à condição da mulher da ciência e também relação à própria ciência: “O feminismo contemporâneo mudou a posição das mulheres na ciência. Ainda que não possamos afirmar igualdade plena, [...] testemunhamos uma impressionante transformação ao longo das últimas três décadas (KELLER, 2006, p. 16) ”.

### *Correntes de saber da epistemologia feminista*

Neste artigo, levaremos em consideração a classificação de Elizabeth Anderson (2015) quanto as correntes teóricas na epistemologia feminista, que para a autora são três: a Teoria feminista do ponto de vista, o pós-modernismo feminista e o feminismo empiricista.

#### *Teoria feminista do ponto de vista*

A teoria feminista do ponto de vista é um tipo de teoria crítica, nos moldes da Escola de Frankfurt, que busca o empoderamento das mulheres e a melhoria de sua situação de vida. Segundo Williams (2016), esta perspectiva busca compreender o mundo a partir de um viés específico. Ainda segundo a mesma autora, esta epistemologia critica alguns pontos em particular, sendo eles: a localização social da perspectiva privilegiada; o alcance desse privilégio (quais questões importam); a localização social que gera um conhecimento superior, como por exemplo, o papel social e a identidade subjetiva; a área do conhecimento ou tema de discussão que gera esse privilégio: o que faz uns assuntos serem mais importantes que outros; o tipo de superioridade epistêmica que define uma maior precisão ou uma maior capacidade de representar verdades fundamentais; as outras perspectivas em relação ao que afirma a superioridade epistêmica; e uma avaliação de como os modos de acesso a essa perspectiva acessam o local social serem bons o bastante para terem acesso a essa perspectiva.

Ainda no contexto desta perspectiva, algumas áreas de conhecimento podem ser observadas a partir da epistemologia marxista, sendo elas, segundo a autora Anderson (2015): a centralidade, as teóricas defendem que as mulheres estão numa melhor posição para ver como o patriarcado não consegue sanar as necessidades das pessoas, uma vez que elas são centrais no sistema reprodutivo da sociedade, tomando conta das crianças e do ambiente doméstico; a autoconsciência coletiva, a dominação masculina baseada na objetificação dos corpos das mulheres, acreditando e se fazendo acreditar que as mulheres são naturalmente subordinada a eles a partir do entendimento de “natureza feminina”; o estilo cognitivo, as teóricas dessa corrente afirmam que o estilo cognitivo feminino é superior porque elimina a dicotomia entre o sujeito e o objeto do conhecimento e porque uma ética do cuidado é superior a uma ética de

dominação; e por fim, a opressão, estas teóricas feministas buscam identificar as ações do homem que corroboram por subjugar as mulheres, afirmando também os homens, por causa do seu privilégio, não se dão conta do quanto suas ações no mundo afetam e sobrecarregam as mulheres.

No entanto, como também observa Anderson (2015), essa perspectiva privilegiada não parece ser a da mulher, senão aquela da feminista. Assim sendo, Catherine MacKinnon (1999) insiste na necessidade de grupos de conscientização coletiva, do seu papel na sociedade, que a representação de um ponto de vista privilegiado sobre o mundo patriarcal pode ser proveitosa para as mulheres (WILLIAMS, 2016).

### *O pós-modernismo feminista*

A ênfase dada à linguagem é talvez o traço mais marcante do feminismo pós modernistas, cujas influências derivam sobretudo de uma tradição francesa pós-estruturalista. Segundo Williams (2016), essa vertente reflete a incredulidade com relação ao universalismo, à objetividade, à totalidade ou a uma verdade última, realçando a parcialidade, parcialidade, a contingência, a instabilidade e a incerteza dos modos de pensar e da própria ciência, abrindo espaço para a investigação e de entendimento.

Como ponto de reflexão importante, as feministas do pós-modernismo tem se voltado para criticar às próprias feministas, expondo as tendências de exclusão dentro do próprio movimento feminista, como por exemplo, as mulheres negras e mulheres lésbicas, que argumentam que as teorias feministas tradicionais têm esquecido dos seus problemas, necessidades e perspectivas, levando o pós-modernismo feminista a alcançar respostas a essas críticas, propondo e produzindo teorias a partir da crítica ao conceito de “mulher”, tema central da teoria feminista (ANDERSON, 2015).

Tal acontecimento já tinha chamado a atenção por Patricia Hill Collins e Audre Lorde (1984) ao falarem que a cor, a raça e a lesbianidade estão ausentes das teorias feministas levadas a cabo pelas teóricas brancas de classe média. Entretanto, é sobretudo com Judith Butler (2017) que a ideia do gênero como social e discursivamente construído resulta também no questionamento da própria categoria “mulher”, e na possibilidade de uma compreensão mais relacional entre sexo e gênero, e de suas múltiplas determinações sociais, políticas e linguísticas incessantemente cambiantes (WILLIAMS, 2016).

As feministas pós-modernas também recebem críticas em torno da categoria de análise “mulher” e da fragmentação infinita de perspectivas. Sendo a primeira advinda do fato de que as mulheres terem experiências próprias de opressão não implica que elas não tenham nada em comum: elas ainda sofrem sexismo. A segunda crítica, por entender a interseccionalidade como uma infinidade de perspectivas, pode dissolver a importância de se analisar as múltiplas formas de opressão sofridas pelas mulheres.

Ainda assim, a corrente filosófica feminista pós-moderna é importantíssima pois, é por meio dela que as feministas reconhecem que a pluralidade de conhecimentos situados advém da diferenciação social (ANDERSON, 2015).

### *Feminismo Empiricista*

O feminismo empiricista tem relação estreita com o empirismo de forma geral, uma vez que o Empirismo é a crença de que a experiência é o único (ou principal) caminho que justifique o conhecimento.

Fatos e valores estão separados com clareza para os empiricistas mais críticos, entretanto, para as feministas empiricistas, essa separação é descabida, defendendo o papel do juízo de valor na investigação empírica. Estes são dois pontos relacionados que encaminham a discussão para a compreensão dos modos de produção do conhecimento (WILLIAMS, 2016).

As feministas pós-modernas são as principais críticas à essa corrente, sendo esta crítica em torno da falta de historicidade do sujeito, da crença da possibilidade de analisá-lo sem considerar o contexto e também em não aceitar que apenas a eliminação do viés sexista faça a crítica feminista aos métodos científicos (ANDERSON, 2015).

Empiricistas feministas preocupam-se com os impactos das práticas sociais desiguais (quanto a gênero, raça, classe, orientação sexual) na investigação científica. As problemáticas a respeito dessa corrente aparecem em dois paradoxos: o primeiro dizendo a respeito à exposição dos preconceitos androcêntricos e sexistas dos estudos científicos, especialmente nas pesquisas de gênero. As feministas recomendam que se utilizem certos preconceitos para melhorarem a investigação, o que resulta em um paradoxo de viés.

O segundo paradoxo diz respeito à crítica das mulheres em relação às influências políticas e sexistas nas pesquisas científicas. A solução, segundo as feministas, seria os investigadores buscarem práticas científicas permeáveis às diferentes influências sociais, o que tem sido chamado de paradoxo da construção social (ANDERSON, 2015).

Ao fim, e diante do já exposto, as perspectivas feministas, mesmo alinhadas por um só intuito – fortalecer os saberes outrora subordinados pelo conhecimento predominante – se estruturaram ideologicamente de maneiras diversas.

Contudo, os campos de saber feministas ainda se encontram no campo do apoio e principalmente da construção em conjunto contra o sexismo e o machismo, mantendo uma rede de conexão e parceria entre eles, pois, o amadurecimento das pautas na luta feminina vem alinhado com a própria tomada de decisão e consciência destas mulheres sobre si mesmas e suas próximas

### **Considerações finais**

No curso da história, a construção da ciência possibilitou aos homens criarem métodos e normas seguras para compreender a natureza ao seu redor e o fazer do conhecimento, possibilitando estruturar uma metodologia científica capaz de assegurar a neutralidade, a imparcialidade e objetividade que eram exigidas pela época.

No entanto, a metodologia científica que tinha como principais mentalidades Descartes, não viabilizou outras alternativas de pensar a ciência e nem de produzir o conhecimento a partir da subjetividade e do corpo situado, levando grupos minoritários ao esquecimento durante anos no meio científico.

É tendo como argumento as (nossas) ausências que este artigo buscou tornar relevante a importância da epistemologia feminista para a ciência, questionando o conhecimento validado e afirmando a possibilidade e relevância do ponto de vista situado, das construções a partir do subjetivo, com os olhos de quem enxerga e na interpretação do mundo de onde pisamos.

Nossa defesa neste artigo é que não é possível construir uma investigação na neutralidade, objetividade e imparcialidade extremas – e tão defendidas pela ciência tradicional, que excluem nossas sensações e compreensões individuais. Para nós a ciência se vale de uma defesa do mito do ego não-situado - que na prática não funciona, pois é neste lugar (o científico) que os valores masculinos ainda hoje estão inscritos e fixados como o padrão.

A escolha da temática na Epistemologia Feminista apresentou-se baseada em um de seus principais papéis, que é o de elucidar os preconceitos de gênero infiltrados nas mais variadas áreas do conhecimento humano e criticá-los, pois foi a partir das questões de classe social, gênero, raça, etnia, entre outras categorias, que surgiu esta área da epistemologia dedicada a compreender a forma como o gênero estrutura os espaços sociais e como têm sistematicamente colocado em desvantagem as mulheres e outros grupos subordinados.

Nesse sentido, foi imprescindível refletir sobre as questões relacionadas a construção social do gênero na sociedade e a maneira como isso influenciou o represamento da natureza feminina em estereótipos fixos sobre “ser mulher”, para enfim, entender o processo de submissão e exclusão femininas nos campos científicos, assegurando para as mulheres uma trajetória de silenciamento de seus conhecimentos, emoções, opiniões e construções epistêmicas.

A Epistemologia Feminista nos apresentou suas correntes teóricas de saber: da Teoria Feminista do Ponto de Vista, do Pós-Modernismo Feminista e do Feminismo Empiricista; a apresentação destas correntes nos mostra como é fundamental a interseccionalidade nos estudos científicos para que estes não sejam parciais e de fato inclua a todos.

Mesmo com as diferenças apresentadas nas correntes de saber da Epistemologia Feminista, os campos de saber femininos dialogam através da solidariedade, respeito e principalmente, mantem uma rede de conexão e parceria entre eles, pois, o amadurecimento das pautas na luta feminina vem alinhado com a própria tomada de consciência destas mulheres sobre si mesmas e suas próximas, uma vez que estudar e pesquisar mulheres, numa perspectiva feminista, é também desafiar uma lógica dominante de uma sociedade hierárquica e patriarcal

### Referências bibliográficas

ANDERSON, Elizabeth. **Feminist Epistemology and Philosophy of Science**, The Stanford Encyclopedia of Philosophy, Edward N. Zalta (ed.). Disponível em: <http://plato.stanford.edu/entries/feminism-epistemology/>. Acessado em 06/04/2016. 2015

BARBOSA, Camila Palhares. **Epistemologia feminista enquanto uma ramificação da epistemologia social: uma análise a partir de Donna Haraway e Sandra Harding**. Intuitio, v. 13, n. 1, p. e35521-e35521, 2020

COSTA, Claudia de Lima. **O tráfico do gênero**. Cadernos Pagu. Campinas, n. 11, 1998.

CHALMERS, Adam. **What Is This Thing Called Science?** An assessment of the nature and status of science and its methods. 3rd ed. Open University Press, New York. Em português: O que é a ciência afinal? Editora Brasilense (tradução da 2ª. edição). 1993

---

FARGANIS, Sondra. **O Feminismo e a reconstrução da ciência social**. In: JAGGAR,

FEYERABEND, Paul Kuhn. **A ciência em uma sociedade livre**. In: FEYERABEND, P. K. A ciência em uma sociedade livre. São Paulo: Ed. UNESP, 2011. p. 91-151.

FOX KELLER, Evelyn. (2006), "**Qual foi o impacto do feminismo na ciência?**", In Cadernos Pagu (27), julho-dezembro de 2006: p.13-34

GRASSWICK, Heidi. (2018). *Feminist Social Epistemology*. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/feminist-social-epistemology/>>. Acessado em: 16 de fevereiro de 2022.

GRAYLING, Anthony Clifford. **Epistemologia**. Oxford, Birkbeck College, Londres St Anne's College, 1996.

GROSGUÉL, Ramón. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais**: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 80, p 115-147, março. 2008.

KÜCHEMANN, Berlindes Astrid.; BANDEIRA, Lourdes Maria; ALMEIDA, Tânia Mara C. **A categoria gênero nas Ciências Sociais e sua interdisciplinaridade**. Revista do CEAM, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 63–81, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistado-ceam/article/view/10046>. Acesso em: 16 fev. 2022

LAURETIS, Teresa de. **A tecnologia de gênero**. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LONGINO, Hellen. (2012). **Epistemologia Feminista**. In: GRECO, J.; SOSA, E. *Compêndio de Epistemologia*. Tradutores Alessandra Siedschlag Fernandes e Rogério Bettoni. São Paulo: Loyola.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2007

MIES, María. **Investigación sobre las mujeres o investigación feminista?** In: BARTRA, E. (Org.). *Debates en torno a una metodología feminista*. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 1998. p. 61-101.

RAGO, Margareth. (1998), "Epistemologia feminista, gênero e história", In PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (Orgs.). Masculino, feminino, plural. Florianópolis: Ed. Mulheres.

ROSE, Arnold Marshall. **Minorities**. SILLS, David L. (ed.). International Encyclopedia of the Social Sciences. New York: Macmillan Company, 1972. v. 10. p. 365-371.

SCOTT, Joan Wallach. **O enigma da igualdade**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, Apr. 2005





STRATHERN, Marilyn (2014), **O Efeito Etnográfico**. Sao Paulo, Cosac Naify

WILLIAMS, Priscila. **Epistemologia e Feminismo**. Revista Três Pontos, 2016.

KERGOAT, Danièle. **A propos des rapports sociaux de sexe**. Revue M.Le Féminisme a Llieure des Choix, Paris, p. 53-54, 1992

KETZER, Patricia. **Como pensar uma Epistemologia Feminista?** Surgimento, repercussões e problematizações. Argumentos Revista de Filosofia, Fortaleza, ano 9, n. 18, p. 95-106, jul./dez. 2017.